



DO VELHO PARA O NOVO: A PRESENÇA DO ESCOLANOVISMO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO DO SÉCULO XX

José Hernande Ribeiro Junior (1); Maria do Socorro dos Santos Batista (2); Maricélio Pinheiro de Almeida Júnior (3); Nadson Gutemberg Gomes dos Santos (Orientador)

Universidade Potiguar – UnP – josehernande@unp.edu.br; socorro.batista@unp.br; maricelio@unp.edu.br

Resumo: Por muitas décadas, o ensino se constituiu de forma autoritária e factual no âmbito das escolas. Ensinar remetia a transmitir conteúdos de forma pronta e acabada, desconsiderando a criticidade e reflexividade dos educandos. O Ensino Tradicional era detentor do saber no interior das escolas do final do século XIX e início do século XX. É nesse contexto que novas bases do conhecimento são criadas, distanciando-se dos modelos estabelecidos pela escola dita Tradicional, e como elemento chave dessas mudanças, o filósofo-educador John Dewey lança um modelo de ensino libertador, onde o educando passaria a ser o ponto central do processo de aprendizagem. Dessa forma, por meio do educador Anísio Teixeira que, o pensamento deweyano adentra no contexto sociocultural brasileiro, provocando diversas transformações nas bases educacionais do país. Uma das ações praticadas por Anísio Teixeira e mais 25 profissionais da educação, foi a criação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova no Brasil, que tem o centro de suas reivindicações no pensamento deweyano. Sendo assim, iremos analisar as influências escolanovistas no contexto educacional brasileiro do século XX, estabelecendo contraponto com o modelo educacional tradicional, fazendo uma revisão bibliográfica de materiais impressos e digitais, analisando os conceitos de Escola Tradicional e Escola Nova. Concluímos que, as influências deweyanas no contexto sociocultural brasileiro, promoveu transformações no modelo educacional ao longo de todo o século XX, propiciando o desenvolvimento de uma educação democrática de natureza crítica e reflexiva para uma formação cidadã.

Palavras-chave: Escola Nova, Escola Tradicional, Manifesto dos Pioneiros, História da Educação.

INTRODUÇÃO

O fim do século XIX e o início do século XX é marcado por grandes transformações no Brasil. Mudanças que percorrem todo o âmbito sociocultural brasileiro, principalmente nos aspectos educacionais. A transição entre Império e República provoca alteração no sistema escolar, como também em variadas esferas da sociedade do final do oitocentos. O ensino passa a ser visto com novos olhares, deixando de lado o seu caráter meramente reprodutivista e factual.

Na atualidade temos um ensino transformador, voltado para questões sociais, culturais, e principalmente para uma educação cidadã. Porém, essa configuração de um sistema educacional voltado para a vida prática dos discentes nem sempre esteve em pauta. Por muitas décadas o ensino brasileiro se enquadrava no perfil que os teóricos da educação caracterizam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como sendo tradicional. O ensino era voltado para a aprendizagem mecanizada e estática, onde a figura do conhecimento centrava-se no professor, tido como o detentor do saber.

Sabe-se que mesmo com características como as já citadas anteriormente, o método tradicional serviu como referencial para os modelos educacionais existente na sociedade ocidental. Mas antes de adentrarmos nas mudanças ocorridas durante o século XX aqui no Brasil, precisamos entender o que caracteriza um ensino tradicional e quais suas diferenças entre o ensino renovado. Para isso nos baseamos nas discussões que penetraram no Brasil no início do século a respeito das mudanças no modo de entender a educação. Sendo assim, iremos analisar as influências escolanovistas no contexto educacional brasileiro do século XX, fazendo contraponto com o modelo educacional tradicional. Partiremos das seguintes questões: como as ideais da Escolanovista chegaram ao Brasil? Que características diferenciam a escola Nova da escola dita Tradicional? Quais as influências da Escola Nova para o âmbito escolar brasileiro? São essas questões que pretendemos responder ao longo do nosso artigo, onde irá se trabalhar os conceitos de Escola Tradicional, como também, Escolanovismo, partindo dos seguintes autores BORTOLOTTI (2015), MACIELLEÃO (1999), VIDAL (2013), entre outros mais teóricos.

Como metodologia para determinado trabalho, será realizado a análise bibliográfica de materiais impressos e virtuais, afim de traçar paralelo entre ambas as Escolas citadas anteriormente, a Escola Tradicional e a Escola Nova, fazendo uma analogia, tanto da primeira, quanto da segunda, relacionando suas influências no contexto sociocultural brasileiro.

DAS ORIGENS: A Escola Tradicional

Na atualidade, as discussões sobre o fazer do professor ainda são bastante efervescentes no interior das universidades. A preocupação no ser docente não é algo tão novo como se imagina, vem sendo debatido desde meados da primeira metade do século XX, principalmente sobre o papel do professor para com alunos em sala. Tais questões surgem para colocar em foco as práticas metodológicas estabelecidas pela dita Escola Tradicional. Porém, para aprimorarmos o conhecimento, é preciso sabermos como funciona o modo tradicional do sistema de educação do fim do século XVIII, que posteriormente ganha força no século XIX, chegando até o século seguinte.



Não podemos negar o fato de que, os modelos existentes na nossa sociedade Ocidental provêm desse sistema educacional, que inclusive, foi fruto do movimento filosófico conhecido como Iluminismo. Foi por meio dos ideais iluministas que a escola, o meio tido para se alcançar a democracia, passaria a ser obrigação do Estado, saindo do âmbito religioso. Ou seja, um ensino voltado a laicidade e obrigatoriedade. O papel do Estado era formar o homem para uma vida democrática. Porém, tal formato educacional servia como propósito, atender aos interesses da classe burguesa que ascendia no final dos setecentos. Segundo MACIELLEÃO "(...) a educação escolar teria a função de auxiliar a construção e consolidação de uma sociedade democrática" (1999, p. 2). Todavia, mesmo com um ensino gratuito e laico, o ensino ainda se limitava a uma pequena parcela da população, as elites.

Entrando, mais afundo nas discussões sobre os aspectos da Escola Tradicional, chegamos ao seu caráter epistemológico. A historiadora e teórica do Ensino de História no Brasil, Circe Bittencourt, trás uma resposta para o que classificaria o ensino tradicional. Segunda a autora do livro *Ensino de História: fundamentos e métodos*, "A identificação de ensino tradicional caracterizava-se pela ligação entre conteúdo e método, ambos associados a uma relação autoritária e hierarquia de saberes" (2005, p. 227). De fato, o método está intimamente ligado a teoria, e a prática de um dependerá da outra.

O papel do professor em sala, nos moldes tradicionais, consistia na transmissão unilateral do conhecimento, conhecimento esse que não tinha necessariamente uma ligação com a vida prática do educando. O saber remetia estritamente ao caráter cumulativo, ou seja, cabia ao docente a transmissão do conhecimento, em resposta a essa prática, o discente armazenaria tudo o que era passado em sala. O aluno não era o centro da questão educacional, mas a quantidade do armazenado era o que o defina, onde:

(...) atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está 'adquirindo' conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (MIZUKAMI apud MACIELLEÃO, 1986, p. 11).

Essa forma de entender o processo ensino-aprendizagem ligava-se, de certa forma, a questões biológicas do aluno, pois, chegou-se a acreditar no caráter inato do conhecimento, onde alguns já nasceriam com o gene do conhecimento. Mas a figura do professor ainda era a base para a aquisição do saber, visto que, o mesmo era responsável pela organização e estruturação dos conteúdos a serem transmitidos (MACIELLEÃO, 1999). Toda a prática docente



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

concentrava-se no que hoje conhecemos como acúmulo de conhecimento enciclopédico, tal que, a quantidade de assuntos assimilados era a meta da questão.

De fato, esse ensino condiciona um ponto chave da educação enquanto um todo. O método avaliativo de um professor nos moldes tradicionais tenderá para uma prática autoritária e seletiva, visto que, não havia uma educação voltada para a criticidade do aluno, simplesmente era visto como mero receptáculo do saber, e cabia o mesmo acumular todo o conhecimento transmitido pelo professor. Era os teste e exercícios os medidores dessa efetividade do saber.

POR UMA NOVA PRÁTICA: A Escola Nova

Indo contra ao ideário tradicional estabelecido pela sociedade do século XIX, a Escola Nova surge para renovar todo o sistema educacional estabelecido por essa época, colocando em pauta o fazer docente enquanto processo formador democrático. Essa nova forma de pensamento provém de estudiosos europeus como também americanos, focando principalmente o filósofo-educador norte-americano John Dewey (1859-1952), que se destaca como um dos intelectuais responsáveis pelo pensamento crítico e reflexível no âmbito escolar.

Como ponto principal de suas discussões acerca da prática docente, John Dewey traz à tona a crítica do que é ser educador na sociedade que emergia com a virada do século XIX para o século XX. O pensamento estabelecido pelos intelectuais do final do oitocentos não era mais sustentável para a nova geração futura, pois, o mundo estava se reconfigurando e necessitava de novas bases, e a solução para essa inovação viria por meio da educação.

O pensamento de Dewey surge como forma transformadora no continente americano, tendo sua centralidade nos Estados Unidos, que inclusive, foi palco inicial para a alteração no sistema de ensino do país, como também, outros espalhados por todo o continente. Seu ponto central de estudo era o próprio aluno, deixando de lado a figura principal do professor como aquele que detém a verdade absoluta no ambiente escolar. A educação segundo Dewey teria que ter um real propósito, uma finalidade, para isso, o conhecimento deveria ser ponto chave para a vida prática do educando enquanto integrante do processo formador crítico-reflexivo (BORTOLOTTI, 2015), afim de solucionar problemas do meio que o cerca.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na perspectiva de preparar o profissional em educação para uma atuação de valorização a autonomia no processo construtivo da aprendizagem, Dewey promove uma inquietação no sistema de ensino da época, alguns questionamentos partem do fato limitador da participação do aluno nas discussões em sala de aula, o aluno mero recebedor do conhecimento, tornava-se um acumulador de informação. A proposta inovadora seria preparar o educador para estimular nos alunos uma visão crítica e analítica dos conhecimentos repassados a eles. Assim,

Para os idealizadores da Escola Nova, o aluno deveria ser visto como o centro e o principal sujeito do processo educativo, cujos métodos ativos seriam os mais adequados para a eficiência de tal processo (BORTOLOTTI, 2015, p. 185).

Ou seja, a praticidade do processo educativo valorizando o discente como agente central na esfera escolar. Esta prática visava formar seres mais humanizados com expressões espontâneas em suas ações.

Formar cidadãos ativos, resistentes aos conteúdos reprodutivistas, passa a ser implementado num processo de ensino-aprendizagem que vai de encontro às informações pré-moldadas do conhecimento, anteriormente impostas aos alunos. Neste momento, abre-se para a valorização e aproximação do conhecimento prévio do discente, a partir do instante em que se valoriza as vivências do cotidiano deles.

O aluno apenas aprenderia se aquilo que fosse ensinado tivesse algum significado para ele, satisfazendo as suas necessidades. Passa-se, então, a entender que todos os programas de ensino devem ter as necessidades dos alunos, no contexto do mundo em que viviam, como ponto de partida para que sejam alcançados os objetivos educacionais mais amplos (BORTOLOTTI, 2015, p. 185).

Seria por meio desse laboratório constituído por Dewey, que o prático se ligaria ao teórico, fazendo com que os educandos se sentissem participantes e atuantes da história, incorporando uma consciência cidadã voltada para uma posição mais democrática.

UM SALTO ENTRE AS AMÉRICAS: Influências deweyanas no contexto sociocultural brasileiro

Com todas essas transformações ocorridas na parte norte do continente americano, não demorou muito para que os ideais estabelecidos por John Dewey chegassem ao Brasil. Esse novo modo de ver e lidar com as questões educacionais surte de forma rápida do lado de cá do hemisfério, todavia, com uma perspectiva diferente da estabelecida nos EUA.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Sabemos que sofremos influências externas nas esferas culturais, sociais e econômicas, porém, suas aplicações e interpretações acabam se distanciando da visão inicial. Não foi diferente aqui no Brasil no que se refere aos quesitos educacionais. Discussões sobre o papel formativo da educação, adentra no país de maneira rápida e forte, contudo, suas efetividades no contexto sociocultural caminham a passos lentos, principalmente nos dias atuais.

De fato, as variadas influências sofridas na primeira metade do século XX não surgiram de maneira espontânea, mas foram introduzidas por um propósito estabelecido e que atendesse as necessidades da sociedade brasileira dos anos de 1930. O responsável por essa iniciativa de uma educação totalmente repaginada aos moldes adotados por John Dewey foi Anísio Teixeira (1900-1971). Não podemos negar o fato da participação de outros na luta por um ensino democrático idealizado a luz de Dewey, porém, nesse trabalho buscamos nos ater ao pensamento de Teixeira.

As influências deweyanas presentes em Anísio Teixeira não são atoa. Ao entrar em contato com as ideias da Escola Nova durante seus estudos na Universidade de Columbia, o educador brasileiro se depara com um novo sistema de ensino, que visava a motricidade dos educandos enquanto um processo formador. Como também um processo que os levaria a uma conduta cidadã mais democrática. E Anísio Teixeira vê em Dewey, o que podemos chamar de uma libertação de um sistema tradicional estabelecido pela sociedade burguesa do fim do século XVIII.

Mesmo com as ideias trazidas por Teixeira, os pressupostos determinados pela a Escola Nova chega em um formato reconfigurado no Brasil, contudo, sem perder a sua essência primordial – a de uma educação destinada a um caráter democrático. Uma vez que, a educação estabelecida por Dewey voltava-se para o aluno em si, aqui no Brasil na década de 1930 a política foi inversa, pois, buscava-se a formação do profissional da educação tendo como base os novos modelos educativos, voltados para um criticidade e reflexividade do pensamento.

Com o intuito de reorganizar os programas escolares, a educadora Karen Fernanda Bortoloti afirma:

Para além de atender os interesses intelectuais de Anísio Teixeira, o pensamento deweyano fez com que o debate pedagógico brasileiro voltasse atenção para os fins sociais e políticos da educação e, mais, atentasse para a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessidade de mudança constante, que acompanhasse as transformações da sociedade (BORTOLOTTI, 2015, p. 193).

Voltar-se para o cotidiano dos discentes era um ponto chave nas discussões trazidas por Anísio Teixeira, colocando no cerne das questões a importância da educação no processo formativo social. E para que isso fosse alcançado,

(...) seria necessário, primeiro, a modificação da escola com o abandono da escola tradicional, e a opção pela escola única, obrigatória, gratuita e com novas técnicas, amparadas no caráter científico dos conhecimentos da psicologia, da sociologia e da biologia (Ibidem, p. 189).

Fugir das práticas tradicionalistas do ensino que vigorava no Brasil no início do século XX era um dos questionamentos de Anísio Teixeira, bem como, de tantos outros educadores que coexistiram durante esse período.

A solução para uma alteração nos programas escolares seria a mudança em todo o aparato educacional do país, uma mudança que fosse igualitária em todo o território nacional brasileiro. Para isso, a criação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, foi de imprescindível importância para dar início as alterações em todo o âmbito escolar pós anos de 1930. Porém, aprofundaremos tais influências do Manifesto no próximo capítulo.

Contudo, por meio de Anísio Teixeira, bem como de outros educadores, a educação brasileira dá o seu primeiro salto rumo a uma educação democrática que por sinal, vem a se desenvolver mais fortemente já no final da segunda metade do século XX, em sua terceira fase nos anos de 1990. Todavia, as bases para a transformação haviam sido lançadas em anos anteriores, por personagens que ficaram marcados na história da educação brasileira, por inovarem e irem contra a um sistema tradicional de ensino que vigorou por décadas.

DO VELHO PARA O NOVO: As mudanças no âmbito escolar brasileiro

Partiremos agora para a última parte desse trabalho e aqui se colocará as discussões a respeito da prática dessa Escola Nova retratada em todo o artigo, onde as fases das influências escolanovistas serão colocadas no cerne deste capítulo, principalmente, influências que levaram à criação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Tal Manifesto criado em 19 de março de 1932, mas que, no entanto, já vinha sendo orquestrado desde meados da década de 1930, como sendo consequência do pensamento deweyano no Brasil por meio de Anísio Teixeira e de outros mais, que o ambiente escolar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

brasileiro vem a ganhar mais destaque nas discussões a respeito do fazer docente enquanto um processo democrático e libertador.

O Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova de 1932 elaborado e liderado por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho e assinado por outros 26 educadores brasileiros, vem para mudar as bases educacionais estabelecidas décadas antes. A reorganização dos programas escolares estava inserida no documento do manifesto como sendo um dos pontos-chaves dos debates que permearam a primeira metade do século XX no Brasil.

Questionar o modelo tradicional de educação que vigorou em todo o século anterior tornou-se símbolo de mudança em todo o país. Seria preciso novos fundamentos, elementos que atendesse a toda uma parcela nacional, unindo os Estados federados à uma educação comum pautada na praticidade, ou seja, no cotidiano de cada indivíduo. A doutora e educadora Diana Gonçalves Vidal afirma que:

Além da laicidade, da gratuidade, da obrigatoriedade e da coeducação, o Manifesto propugnava pela escola única, constituída sobre a base do trabalho produtivo, tido como fundamento das relações sociais, e pela defesa do Estado como responsável pela disseminação da escola brasileira (VIDAL, 2013, p. 579).

Tornar o ensino obrigatório e como sendo responsabilidade do Estado, estaria para uma das reivindicações estabelecidas no Manifesto de 1932, porém, essa escola voltada para a criticidade e reflexividade era um empreendimento custoso para o Estado brasileiro (SOUZA; MARTINELLI, 2009).

Não podemos negar o fato de que, antes mesmo da elaboração do Manifesto, outras formas de se questionar os moldes tradicionais já vinham sendo discutidos no interior do país, onde:

O recurso à expressão Escola Nova não era novidade no panorama educativo brasileiro. Na década de 1910, Oscar Thompson e Sampaio Dória já a haviam identificado com método intuitivo. No entanto, no final dos anos 1920, com a reforma de Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, o termo passou a significar os esforços de renovação do sistema escolar e de ruptura simbólica com as antigas estruturas educativas (VIDAL, 2013, p. 582).

A metáfora do Velho e do Novo torna-se elementos cruciais nos debates educacionais nas décadas iniciais do século XX.

Como falado anteriormente, o bojo que perpassa todas as questões de renovação no sistema educacional brasileiro, provém de pensadores europeus e norte-americanos,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

destacando nesse trabalho a figura do filósofo-educador John Dewey, que inclusive teve grande repercussão de seu ideário no Brasil da década de 1930. Porém, vale ressaltar que as aplicações de tais questões foram ressignificadas e adaptada para o contexto sociocultural brasileiro. Uma das diferenças percebidas é com relação a formação do profissional em educação, ou seja, na preparação do professor no exercício docente da profissão. Investir na qualificação de novos educadores, partido dos moldes estabelecidos pelo Manifesto, onde a formação cidadã democrática estaria como força motriz do processo educacional renovado.

Mesmo com essa efervescência circulante em todo o país, o Manifesto passaria por diversas barreiras ao longo de todo o século XX, obstáculos que só seriam transpostos décadas seguintes de sua criação nos anos de 1932. Foram destacadas três fases do Manifesto, a primeira, em 1930; a segunda, em 1959, já no pós-guerra; e a terceira, em 1990, com o processo de redemocratização do Brasil. Esse marco cronológico foi sinalado por diversas reivindicações e lutas em prol a uma educação mais significativa.

Concorda-se aqui no que Vidal coloca a respeito das fases do Manifesto, onde, a segunda fase (1959), surte de forma mais eficaz, mas que, no entanto, com o Golpe Militar de 1964, as questões sobre a educação voltada a democracia são abafadas pelo o Estado, mas que retornam entre os anos de 1980 e 1990.

Um outro questionamento levantado pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, diz respeito a uma educação mais igualitária e que partisse para fora do âmbito escolar, visto que, tal maneira proporcionaria a educação cidadã nos moldes estabelecidos pela escolanovismo. Dessa forma, possibilitar a gratuidade e obrigatoriedade do ensino básico, faria como que, os altos índices de analfabetismo do país reduzissem em seu número, já que, um dos preceitos fundamentais para a modernização do país, consistia em uma nação livre do analfabetismo.

Segundo Cecília Meireles, uma das educadoras que assinou o Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova:

A nova Educação tem, principalmente, essa vantagem: de não se dirigir apenas à escola, à criança e ao professor. Ela atua sobre a família, a sociedade, o povo, a administração. Ela está onde está a vida humana, defendendo-a, justamente, dos agravos que sobre ela deixam cair os homens que se converteram em fantoches, movidos por interesses inferiores, esquecidos das altas qualidades e dos nobres desígnios que definem a humanidade, na sua expressão total (MEIRELES, 2001, v. 3, p. 170).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

E são nas palavras da artista e educadora, que se percebe as influências que transbordaram o contexto sociocultural da primeira metade do século passado. Sair do ambiente acadêmico, e partir para a praticidade, era ponto chave para a educação reflexiva já discutida nesse trabalho.

Muitos intelectuais, como a própria Cecília Meireles, se preocuparam com a formação profissional do docente no seu exercício em sala de aula. O professor teria a responsabilidade de formar partindo de seus alunos, de forma harmoniosa e libertadora. Inserir o discente na vida social, teria mais significância do que simplesmente fazê-lo memorizar ações sem cunho reflexivo e prático. Deveria manter-se constantemente atualizado e atento as mudanças. Segundo MEIRELES (2001),

Estar sempre vigilante ao que se passa nos terrenos da educação moderna, tão revolvidos neste momento, tão semeados e tão produtivos, é uma necessidade do educador atual, responsável pela mais grave questão de todos os tempos: a formação da humanidade (MEIRELES, 2001, v.2, p. 52).

Dessa forma, o Manifesto, desde sua primeira fase na década de 1930, até os anos de 1990, vem pôr a luz, questionamentos a respeito do formato educacional vigente no Brasil no século XX. Formar para criticidade e reflexividade era fundamental para uma educação que fosse contra a desigualdade e principalmente aos preconceitos.

CONCLUSÃO:

A educação enquanto um todo, vem gerando transformações em todo o universo educacional. Na atualidade o termo “educação” é amplamente discutido e revisitado constantemente, principalmente nas práticas metodológicas de ensino, tudo isso, afim de distanciar-se das condutas estabelecidas pela escola Tradicional, onde condiciona o aluno a mero acumulador de conhecimentos transmitidos de forma enciclopédica, factual e linear.

Anísio Teixeira e tantos outros educadores, preocupados com a educação predominante no Brasil no século XX, inova e traz à tona novas formas de lidar com o ensino. Por meio de John Dewey, que o educador citado a cima, projeta suas forças na criação de um ensino totalmente prático e reflexivo, afim de tornar o homem um ser mais democrático e harmonioso.

Todas essas influências que surgem no Brasil nas primeiras décadas do século XX, passaram por variadas transformações em seu formato epistemológico. O ensino democrático idealizado por Dewey chega no país latino-americano com um novo olhar, mas sem perder a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sua essência original. Dewey projetou um ensino voltado para a formação de alunos em suas fases iniciais, ao contrário do estabelecido desse lado do hemisfério, onde o ensino renovado foi base para a reformulação e aprimoramento de profissionais no exercício da docência.

Contudo, tais medidas empregadas pelos intelectuais da educação do século passado, enfrentaram barreiras na implementação desse novo sistema de ensino, primeiramente pelo fato de ser custoso para o Estado brasileiro, segundo, por eventos ocorridos ao longo do contexto histórico nacional. Todavia, os mesmos intelectuais, incluindo principalmente o próprio Anísio Teixeira, foram responsáveis na criação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e sua efetivação no sistema educacional brasileiro.

Esse mesmo Manifesto passou por transformações ao longo do século XX, que inclusive dividiu-se em três fases, a primeira nos anos de 1932, no governo de Vargas; a segunda, em 1959, no pós-guerra; e a terceira, já nos anos de 1990, no processo de redemocratização do Brasil. Contudo, as ideias expressas no Manifesto, ganham forças pós anos 80, onde o fazer docente vem a luz das discussões dos teóricos da educação do fim do século XX.

Na atualidade, a profissão do docente ainda é foco de discussões, principalmente no que diz respeito ao caráter formador e orientador para uma vida democrática e cidadã. Pautando-se na criticidade e reflexividade do conhecimento, fazendo com que a aprendizagem sirva para uma vida prática e social, distanciando-se dos limites instaurados pela escola Tradicional do século XIX. Porém, ainda é um trabalho árduo a se enfrentar no contexto educacional brasileiro, de educar para uma vida mais eficaz e cidadã.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BORTOLOTTI, Karen Fernanda. **História da educação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: SESES, 2015.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MACIELLEÃO, D. M. **Paradigmas contemporâneos de educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>. Acesso em: 22 julh. 2016.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SOUZA, R. A.; MARTINELLI, T. A. P. **Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro**. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/index.php/histedbr/article/view/3829>. Acesso em: 05 agos. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paula: Scipione, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. **80 anos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: questões para debate**. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000300002&lang=pt. Acesso em: 05 agos. 2016.